

## [Experimentações]

### **Perspectivas contemporâneas: a história de vida no campo das ciências sociais**

Marcus Venicius Filgueira de Medeiros<sup>1</sup>  
Karlla Christine Araújo Sousa<sup>2</sup>

#### **PROCEDÊNCIA**

É preciso iniciar, dá o ponta pé inicial para se chegar aonde se deseja. Esse é o desejo subjetivo dessa oficina: juntar as partes para se compreender o todo da condição humana fragmentada em ações narrativas que, atreladas umas às outras, forma o enredo do que se busca, se deseja agregar como as peças de um quebra-cabeça. Por aqui vamos polvilhando as nossas incertezas, e desta forma costurando toda essa colcha de retalhos para o objetivo da coerência discursiva do final de tudo.

Daí dizer ser um relato de experiência, de relatar a iniciativa de uma oficina acontecida numa semana de humanidades, da Faculdade de Filosofia – FAFIC – , na Universidade do Estado do rio Grande do Norte – UERN – , na cidade de Mossoró, no ano de 2023 , para um grupo de 06 discentes universitários, do cursos de Bacharelado em Ciências Sociais, todos do quinto período, com o propósito de se despojar na sapiência do método biográfico em ciências sociais, na busca de si, e dos novos olhares científicos pautados no maior abrasamento do sujeito ator social. Nessa viagem, não podemos deixar de registrar o elo afetivo entre este trabalho e as oficinas do método biográfico em Ciências Sociais, da Pós-doc Elsa

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte -PPGCISH/UERN.

<sup>2</sup> Docente da UERN, Doutora em Sociologia e membro do GECOM – Grupo de estudo da complexidade – PPGCISH/UERN.

Lechner, de Portugal, a que muito nos instiga com suas inquietações de pesquisadora das histórias de vida.

A busca do querer saber, do apropriar-se das várias formas de conhecimento com o propósito de assumir-se (Freire, 1996), na condição de um ser atrelado ao campo da pesquisa, não de forma rigorosa e monumental, mas atrelada aos novos paradigmas de poder humanizar o processo criativo, de forma calorosa, dicotômica e, acima de tudo, pautado no corpo de performance e de linguagem (Almeida, 2001), fez com que esses discentes pudessem mergulhar nessa busca de atuação em uma oficina de construção do sujeito pesquisador sob a ótica da narrativa de vida, da narrativa biográfica, desse desprendimento de si para poder se apropriar do ato enunciativo do outro, de envolvimento em uma teia de ressignificados fincados no processo de escambo, ou seja, de troca de olhares, de gestos, de discurso, de afinidades de alteridade e empatia entre o narrador e o *narratário* (Delory-Mamberger, 2014).

Não sendo redundante: esta é uma oficina para a iniciativa da pesquisa científica moldada em várias etapas a partir das motivações de sujeitos envolvidos no sabor do saber, das sinestesias e das memórias circundantes de onde se parte para se chegar aonde se deseja. O fato é que está desatrelada do rigor da ciência que torna, muitas vezes, o percurso enfadonho, com a inércia de que tudo deve estar sobre a ótica enrijecida, engessada, de forma que muitas vezes o prumo do pesquisador fica desaprumado, desalinhado, perdendo a sua noção, a sua direção e o seu sentido. Para Delory-Momberger (2014, p. 44): “A história de vida, enquanto narrativa singular de um indivíduo sobre sua própria vida, desenvolve-se assim sobre um fundo partilhado de práticas e de discursos[...]”. É o caminho do afeto, das afetações de se poder fazer ciência de forma demasiadamente humana, com a copertença dos sujeitos, seus lugares de fala, seus corpos presentes nas narratividades.

Por aqui, o objetivo de tornar prática a prática da pesquisa autobiográfica, o diálogo com o pensamento de quem já está discutindo há tempo a história de vida, as narrativas, as formas mais complexas, mais calorosas de se fazer ciência. Desta forma, fica aqui impregnado de um itinerário formativo o relato de uma prática a partir de uma oficina que discorre, que questiona, que faz com que o desejo de se chegar seja atravessado pelo bom da viagem, de mergulhar nos abismos do desconhecido, e se encontrar a qualidade do pensamento da ação da atitude de não querer desistir no meio do caminho.

Vale ressaltar que não é um trabalho aleatório, mas que obedece a um passo a passo para o desejado ser alcançado, ficar bem fixado, e trazer

a compreensão de que é uma oficina organizada em secções estruturadas para o encaminhamento plausível da formação do itinerário do oficiante. A partir do instante em que o discente se inscreve na oficina, este já passa a integrar as partes do todo do corpo que será formado, para isso, é necessário a interação com o propósito dos exercícios propostos. E agora? Agora é seguir adiante, olhando para trás sempre que necessário, pois é nessa costura de tempos que os aspectos da vida vão acordando desse sono de esquecimento da memória que se prende e se estende a outros acontecimentos, mas que nunca esquece do que escreveu para se chegar ao tempo presente.

Desta forma, não poderia ser diferente, é um trabalho qualitativo para a finalidade de atravessar os lados postos da fenomenologia socioafetiva sob a ótica do método biográfico em ciências sociais com toda a cautela precisa de se posicionar de forma colaborativa para o falar e o escutar entre os sujeitos envolvidos. Para se chegar ao clímax elaborado, o passo a passo da oficina dispões do processo de migração entre narrador e narratário, ou seja, as etapas do processo de imigração e emigração do devir do que deva vir em narrativas de si nesse encontro de si consigo das partes para se chegar ao todo do EuTu enunciativo. Tudo costurado com mística de vivência, exercício de oralidade, processo de produção de textos escritos, rodas de conversas, compartilhamento de leituras, ressonâncias dos textos lidos, exercício de escuta da fala do interlocutor.

Os diálogos teóricos são feitos a partir do livro: *As histórias de vida – da invenção de si ao projeto de formação*, de Christine Delory-Momberger, 2014, e do livro: *O método (auto)biográfico e a formação*, de António Nóvoa e Matthias Finger, 2014. Não descartando as demais vozes convocadas para o diálogo discursivo acerca de tudo aquilo que nos impulsiona a trazer para si no desejo do saber e do sabor dos novos paradigmas de um conhecimento acalorado no processo de humanização das pesquisas nas universidades.

Neste estado pleno de sinestesia, eis o momento de colocar a lente circundante da pesquisa que será servida como o grande banquete resultante do que já foi iniciado desde a adesão de se permitir desbravador de inquietações, de mudanças, de corpos aptos a se despojarem sob a perfeita harmonia de não se querer linear para todo o sempre, mas atravessado pelos ângulos oblíquos que têm a sensibilidade de fazer a amostragem da vida por outras janelas de conhecimentos democratizados

## PERCURSO DE SI

Narrativa de vida: o que é? Como se constrói? Qual a importância dela para a sociologia? Como ela contribui para a compreensão do ator

social no contexto sociológico? A interrogação é precisa quando estamos frente a um espelho de abordagem da gente, de quem somos ou como nos compomos diante dos obstáculos do nosso processo de itinerário formativo. Tudo é possível, nada é de se jogar fora ou ser despejado sem que haja uma análise mais elaborada do que é de nós, do nosso percurso, da nossa existência. Para Delory-Momberger, 2014:

Narrando sua vida, o indivíduo ordena, tematiza, interpreta os acontecimentos de sua existência segundo uma coerência de forma e de sentido: tendo sobre sua vida e sobre si mesmo um discurso que responde aos princípios de sucessão e de causalidade narrativa como gênero, ele dá sentido a uma vivência multiforme e esparsa (Delory-Momberger, 2014, p. 336).

Não é de hoje, não é invenção de agora o querer humano de dizer de si, produzir narrativas, de trazer para o convívio social os feitos heroicos, o cotidiano, as batalhas e a organização das sociedades atravessadas pelos tempos, pelos continentes, pelas tradições, pelas formas encontradas de se querer entender a razão de todas as coisas. As narrativas biografias sempre existiram enquanto possibilidade das sociedades se apropriarem dos acontecimentos das organizações sociais tão diversas, plurais e complexas existentes, espalhadas por todo o território do planeta Terra. Ainda para Delory-Momberger (2014):

Cada cultura e cada época conhecem assim modos de relação consigo que podem tomar a forma de exercício físico ou espirituais, de técnicas de introspecção e de meditação, de práticas ritualizadas da fala ou de escrita que modelam a relação do homem consigo mesmo. A história de vida constitui uma dessas técnicas de si, das quais podem-se descrever as formas históricas, orais ou escritas, públicas ou privadas, individuais ou coletivas, ao longo de épocas culturais do Ocidente (Delory-Momberger, 2014, p.43).

Em corroboração com o que a autora traz para o processo discutido desse percalço da linha do tempo da construção de humanidades, é do interesse da oficina esse encontro do ser contemporâneo com a sua ancestralidade, com as suas raízes, num processo ritualístico de equilíbrio com o meio ambiente, os sentidos do corpo, as energias sinestésicas com as quais o processo de aprendizagem de novos saberes ganham uma dimensão de se pensar no ser como algo holístico, como também o ser da oratória de arte, de encantamento, voltado para os ecos de sua subjetividade, não como algo simplesmente transitório, mas como encontro de si consigo, dessa pluralidade detentora de elos, de desarrumação, mas que também de vislumbre com as palpitações sonantes da performatividade corpórea. Ninguém é por si sozinho, cada um de nós nos compomos com os resquícios

dos nossos ancestrais, o que fazemos e a ressignificação de situações aptas a contribuir com a evolução histórica do ser. Para Edgar Morin (20023):

Esse grão de poeira cósmica é um mundo. Mundo por muito tempo desconhecido dos homens que não obstante haviam recoberto o planeta há várias dezenas de milhares de anos ao se separarem uns dos outros. A exploração sistemática da superfície da Terra efetuou-se ao mesmo tempo que se desenvolveu a era planetária, e dela expulsou paraísos, titãs, gigantes, deuses ou outros seres fabulosos, para reconhecer uma Terra de vegetais, de animais e de humanos (Morin, 2003, p. 47)

Do início da história da humanidade até os dias atuais, as biografias são usadas como fontes históricas, como produtos de consulta para pesquisas, como material deixado por antepassados que servem como documentos, peças, fatos instigantes, contextuais para se revelar pertencimentos socioculturais de populações, de ordenamento de uma área geográfica e histórica habitada por gentes nos seus processos de desenvolvimento econômico, político, organizacional, sociológico, artístico num contexto de singularidades e de pluralidades até hoje consideradas como pertinentes aos apontamentos científicos num contexto de pesquisa com maior rigor de concisão, de clareza, de objetividade abarcados por um método eficaz embasado numa base teórica, demarcado por uma problemática, um objeto de estudo, pautado num objetivo pertinente e de passos precisos para se chegar ao rascunho sistemático apto a resolver uma problemática. Para Almeida (2001, p. 67): “[...]qualquer que seja o parâmetro – político, institucional, ideológico – para discutir os critérios de escolha dos marcos teóricos e de suas várias interseções, esbarra-se, na maioria das vezes, num ponto comum não explicado[...]”.

Não se trata de uma narrativa biográfica como gênero literário com o fim de promover catarse no leitor, não, algo de maior relevância para o conhecimento mais aloprado arraigado de um rigor epistemológico que pudesse servir como percurso para o aprendizado mais consistente para as gerações futuras. O que acontece? O tempo não é estático, a ciência não pode ficar no ostracismo, fechada numa redoma, rendida ao tempo de inércia, sem dialogar com a complexidade e as mudanças necessárias para o acompanhamento da evolução cultural, social e histórica da humanidade, segundo Ferrarotti (2014, p.31): “A crítica à objetividade e à nomotetia, que caracterizam a epistemologia sociológica, teve como consequência a valorização crescente de uma metodologia mais ou menos alternativa: o método biográfico”. É uma questão de sobrevivência, de visão do entorno, do florescimento de novas táticas, de vieses plurais, de ressignificação do que necessita de uma reciclagem, e por que não dizer: de uma re-existência

nos moldes adaptados aos novos tempos, aos novos significados e marcadores de um tempo de emergência contemplado pela linguagem que se renova, apresenta outros apetrechos, mergulha no desconhecido (Josso, 2010), e emerge como divisor de águas para o bem da coletividade.

Assim aconteceu com as narrativas de vida. Parece difícil de ser aceito, para os mais ortodoxos, contudo, depois de um processo de migrar pela evolução da abordagem, desde a escola de Chicago, até os dias atuais, a visão vai ganhando uma clareza, e tudo vai ganhando seu assento depois que se percebe que não tem nada a ver uma criação mágica, aflorada do encantamento, embora tenha seus encantos, mas que é, na verdade, a devolução do ânima devolvido às vozes dos sujeitos retiradas ao ponto de um desenvolvimento cartesiano das ciências sociais que objetivou demais as relações, optou pelo uso de objetos, e desprezou, de certa maneira, o calor abrasivo das relações sociais, dos constructos de fala e de escuta, da calorosa contribuição dada pelos sujeitos para as pessoas na relação narrador x *narratário*.

A escola de Chicago, depois de percorrer a história, através das biografias, dos documentos existentes escritos, de livros de referência existentes acerca do pensamento de grandes doutores do saber e do conhecimentos, assim distinguidos pela história, passou a compreender que apenas isso não bastava, a sociologia necessitava de criar vida, de sair do campo acertado do laboratório para sentir o queimor dos corpos e das linguagens de que era ator social e que poderia contribuir com as suas memórias para o levantamento para a ciência que buscava entender/compreender as coisas dos fenômenos sociais. A escola foi às ruas, as portas das fábricas, aos campos dos imigrantes, fizeram a colheita com um outro viés, a partir de uma curiosidade que atribuía às narrativas de vida um outro contorno: elas eram, para o instante, narrativas biográficas de vidas pertencentes a um contexto específico, a construção de uma cortina de retalhos na finalidade de se costurar as memórias coletivas a partir da seletividade dos fatos de cada sujeito envolvido no exercício humano de narrar de si (Nóvoa; Finger, 1988).

Cada um, agora, poderia fazer esse percurso de si, de fazer um uma autorreflexão acerca do si de si; era direcionada a conversa naquele instante. Por instante, o processo discursivo de trazer à tona a enunciação do sujeito da narrativa com suas marcas discursivas de temporalidade, de escolaridade, de espaço habitado, de domínio de suas memórias. A escola de Chicago passou a usar o nome de abordagem narrativa, exigiu dos alunos ingressos nos cursos que fizessem esse exercício biográfico: narrar

de si, reinventar-se pela palavra oral e escrita, desse ao enfoque o recorte preciso para a construção da condição humana.

A narrativa biográfica, agora, tinha ganhado o adorno de abordagem, depois de uma perspectiva de Pesquisa condizente para dar vozes aos sujeitos, e com o passar do tempo, agora nos anos de 1970, precisamente na França, tudo que fora indicado na escola de Chicago, embasado na competência do saber-fazer, nesse instante, ganhava a graça dos sociólogos, dos antropólogos, dos que estavam loucos por extrapolar e romper, de fato, com o pensamento positivista, a enxergar os novos tempos, as novas convicções de quem um novo método estava a bater na porta de todos e todas que se sentiam pulsar para dentro desse novo caminho com mais calor humano, mais vozes vivas, mais vigor para uma ciência de sujeitos.

Nessa perspectiva, não se trata de encontrar nas escritas de si uma “verdade” preexistente ao ato de biografar, mas de estudar como os indivíduos dão forma à suas experiências e sentido ao que antes não tinha, como constroem a consciência histórica de si e de suas aprendizagens nos territórios que habitam e são por eles habitados, mediante os processos de biografização. Aqui a noção de grafia não se limita à escrita produzida em uma língua natural (oral e escrita), mas amplia a investigação fazendo entrar outras linguagens no horizonte da pesquisa e das práticas de formação: fotobiografias, audiobiografias, videobiografias e abre-se para a infinidade de modalidades na web: blogs, redes, sites para armazenar, difundir e praticar formas de contar, registrar a vida e até mesmo de viver uma vida virtual (Bibble; biographie.com; nègres pour inconnus; biographie.net, Second Life, o Museu da Pessoa...) (Passeggi; Souza; Vicentini, 2011, p. 371).

Desta forma, é possível dizer que a narrativa de vida é uma abordagem de pesquisa, é um método, é um canal de pesquisa que tira sujeitos do anonimato e o coloca na superfície do conhecimento arraigado de subjetivação para a coordenação ordenada do ser-no-mundo através da competência do saber-fazer e ter o controle das diretrizes de sua vida. Assim como, a oficina nos mostra, é um caminho de parar, refletir a si, se mostrar nas entrelinhas e se alinhar com o itinerário formativo dando voz ao sujeito silenciado por muito tempo. É fazer o percurso de si no seu contexto, mergulhar no imaginário e desatar os nós dados sem que ninguém seja capaz de desatar, senão o próprio narrador.

É ciência, a ciência do ser, do sujeito, de uma academia que não está para o engessamento do conhecimento, mas para a busca de um percurso humanizado do ato de dizer, de se estabelecer na engrenagem co-laborativa de se atirar para si, e se decompor numa memória seletiva de fatos importantes, não lineares para o fortalecimento de si, da subjetividade e da

performance do corpo em atuação sobre seus significados, sua pluralidade e redundâncias.

Aqui é sim a oficina: o local da lubrificação desse corpo instrumento defasado, desalinhado, carcomido, silenciado, como tal não tem o objetivo de tornar pronto, produto do acabamento do ser, mas é um processo ativado do que passamos a ser depois de lubrificada a engrenagem desse corpo instrumento questionado, revisitado, movido nas suas particularidades para a compreensão do que se existe de dizer de si nesse alambrado de busca, de socorros, de sair da ignorância para o estado de apropriação do instante de estalo de certezas encontradas.

O corpo passado na oficina não é mais um corpo calado, ao contrário, é um corpo de atravessamentos, de passagem, de hospedagem de um outro sujeito aflorado no enredo da composição de respostas desenterradas dos escombros de quem não se permitia ser dito. A oficina é um percurso, não se encerra nesse instante, vai além, tem outros estágios, o importante é o ponta pé inicial de não se calar, mas de formar esse itinerário de pesquisador a partir do entroncamento da pertença de si: Quem sou? De onde venho? Para onde desejo ir? O que me motiva? Qual é a leitura que faço de mim? Como torno a mim pesquisador?

Por isso esse sentimento plurissignificativo de refazer ciência com consciência, com discurso, com dialogismo, com sapiência e saber que o autoritarismo do rigor precisa ser quebrado, o que vale? A autoridade construída para que todas as possibilidades de humanização possam ser estabelecidas nos sujeitos envolvidos, nos processos de construção. O bom da pesquisa é vencer o medo, mergulhar no desconhecido e pode colher os reflexos de tudo que a condição humana foi capaz de revelar pelo processo, pela autorreflexão, pela compreensão do embasamento teórico acerca desse novo olhar chamado de pesquisa biográfica. O bom dessa viagem é saber que deixamos de conceber o ser como objeto e passamos a tratar do sujeito como narrador do enredo da narrativa trazida à baila nesse instante de composição das acepções acerca dos acontecimentos da vida. É preciso esse espírito de respeito ao sujeito e sua poética, a essência de existir para aqui e para o além do real, do necessário, da condição humana.

Esta pesquisa é emergente, é latente, tem o vigor de não ser estática, mas de pulsar na veia do viés de poder florescer longe de um padrão e se um fio divisor que tem o revés de ditar o certo e o errado da vida. Para Pierre Dominicé (2003):

As histórias de vida nunca são as mesmas. Aliás, o que o adulto diz da sua história não é idêntico em todo os momentos da sua vida, nem todos os contextos nos quais se exprime. No entanto, a autonomização face à família de origem constitui a trama de

um processo que consideramos possível de generalização. Evidentemente que as modalidades dessa autonomia, o grau de dependência que ainda permanece e as transformações relacionais no interior da rede familiar variam de um sujeito para outro. Não há qualquer modelo final a atingir. O essencial da formação reside no processo (Dominicé, 2003p.83).

A pesquisa biográfica não tem a pretensão de ser o fim pelo fim áspero, para o fim de um começo de um sujeito enunciativo, ativo e participativo no prover de competências e de habilidades do ser que refloresce depois de ter realizado o processo de migração: foi imigrante de si, nessa busca do seu percurso discursivo, assim com emigrou para o seu lugar de re-existência depois de ter provado desse outro ser renascido quando se despiu de sua vestimenta velha, e ganhou uma nova derme mais significativa para o seu corpo performativo. É o corpo narrado que aflora, cria suas possibilidades de abraçar a si nesse percurso feito como quebra de arestas para o fortalecimento e para o renascimento do ator social mais jubiloso, prazenteiro, dinâmico, de olhar atravessado para enxergar o que antes não era visto.

#### **NARRATIVA NA ATIVA E NA VIDA**

A oficina é o espaço de decomposição e de composição do sujeito. É nela que o corpo se desmonta e monta com a indumentária exigida pelo contexto, com a finalidade ritualística de que todos possam ficar bem, acomodados, entregues a esse momento de calma e de tensão; de silêncios e de barulhos; de encontro e descontros; de buscas, fugas e escondidos. Assim o primeiro momento de vivência ser o da mística do conhecer a si através da respiração, da retrospectiva do que ficou armazenado na memória, mas que é o momento de coser de si o seu pertencimento.

O que mais importa é que o ator social possa trazer para si os três momentos precisos e necessários para o instante do agora: o momento da formação, o momento do conhecimento, o momento da aprendizagem (Dominicé, 2003). É essa tríade que atravessa todo o todo do que é proposto enquanto oficina de narrativa de vida, essa busca de ressignificação e de (re)existência a partir de um ciclo de dizer de si, de se articular através do discurso, e se trazer para a face da história a narrativa ocupada do lugar de fala de cada oficiante. Para um melhor encaminhamento e vivência desse corpo instrumentalizado nesse processo, o primeiro instante foi o da entrega total ao ato de renovação: Agora eu sou, eu vou, eu me deixo ir nessa entrega a *me comigo*, ou seja, é a sessão do monólogo interior de

trabalhar a emoção interna e se voltar numa ideia circundante para o contexto da busca de si: Quem sou?

O facilitador da oficina é o ser condutor, é quem se apropria do comando e vai, dentro da dinâmica do grupo, propondo o ritual da entrega para que todos os participantes possam se sentir bem conduzido. É um instante singular, mas é também plural, pois o exercício ritualístico de concentração, de respiração, de voltar para dentro de si é coletivo, é exercitado a interculturalidade das partes para se desprender desse tempo presente e se enveredar pelo passado. Não é uma terapia, mas um exercício marcado pelo ritual de iniciação, de desprender-se das tantas situações do cotidiano para um mergulho de poder emergir nas memórias.

Dado esse primeiro momento de entrega, de ritual, existe o momento da socialização, da escuta, do exercício da enunciação motivado pela quebra do silêncio: Hora de falar, de dizer de si, de se apropriar da competência do saber-ser, e ser para a coletividade. Agora, é o instante colaborativo da fala e da escuta, o narrador se apresenta, confia, diz o que é do eu itinerário identitário e que é importante para o seu percurso de ter chegado na oficina, nessa construção de pesquisador.

O corpo ainda é o comigo, ainda se equilibra numa maiêutica de ouvir os acordes interioranos de quem deseja satisfazer um prazer individual. O que podemos descrever é que os fatos da vida vão sendo colocado à medida que são aflorados no interior de cada um, daí as reações daquilo que dizem respeito as relações familiares, ao tempo de escolarização ou mesmo ao mundo do trabalho. As memórias provocam reações, as mais inesperadas, pois trata-se de situações conflituosas de forma individual, aquilo que é do pertencimento de cada um, mas que vai sendo inscrita na plurissignificação das relações de interculturalidade do grupo até que as ideias passam a ser coletivas, plurais, universais.

É o exercício do ouvir a voz do outro. O corpo necessita. É um instante de novidade, não pode nem deve ser interrompido: Quem é o locutor? Quem tem o direito de falar de si? Este, repetindo, é o instante do conhecimento, dos recortes, da memória assanhada fazer a sua viagem de dentro para fora. É o colocar na prática o que antes era apenas teoria. É o momento de fazer a migração: houve o momento do assanhamento, do atrever-se e de se coser para dentro. No instante do conhecimento, existe o acordo da confiança: nada será ressonado além dali! É preciso estabelecer o pacto de confiança entre todos e todas parceiros do processo.

Depois da fala do narrador, o momento seguinte é o da ressonância dos interlocutores. Cada um pode deixar registrado as suas impressões acerca da narrativa escutada: como foi recebida? O que torna impressionante? O

que há para destravar a partir do gatilho de quem esteve partilhando a enunciação? É o instante do singular passar a ser plural; do individual passar a ser coletivo; do privado passar a ser público; de saber que as histórias de vida estão intercaladas, são frutos dessas vivências, experiências, estados de coisas e de conflitos.

Na partilha da história de si, cada um é convidado a fazer as memórias de si: o recorte necessário para aquele instante que possa contribuir com a coletividade. É o instante do deixar de ser anônimo para atuar com performatividade. A performance é de suma importância para esse instante colaborativo entre os interlocutores, ela passa a ser a indumentária vestida para o conforto de quem está na cadência de fazer a sua narratividade. A pesquisa biográfica não é aleatória, tem todo um preparo antes para que a narrativa possa ter o respaldo preciso da ação desenvolvida entre o narrador e o *narratário*.

O sujeito é uma construção de si, não de forma isolada, solitária, mas uma construção feita a partir das suas vivências de passado de presente e de futuro. Está para o agora, assim como esteve para o ontem estará para o amanhã numa dimensão desse projetar a partir daquilo que ele se arruma e desarruma no movimento de idas e voltas de forma consciente e inconsciente.

Neste processo de narrativa biográfica ele não constrói tudo um só estamos é preciso os momentos das pausas e da engrenagem para a compreensão daquilo que está sendo feito por isso a oficina é pautada em vários momentos de articulação para que este sujeito ator possa ser esse produtor de cultura e de interculturalidade que alimenta o seu ego a sua resistência a sua persistência arraigada de uma competência que eu conduz o pensamento e os seus estados psicoafetivo, de entrosamento consigo e com os outros do seu entorno.

À medida que este vai se deixando levar na conduta do narrador o seu processo de pertencimento na oficina este já é parte integrante do processo iniciado quando o mesmo passa a participar/ atuar na condição de oficiante. No primeiro momento é feita uma acolhida para que este sujeito possa se sentir agasalhado e parte do processo inicial. Agora ele pode olhar para dentro de si e fazer o jogo de se desconstruir a partir do seu processo narrativo e fazer o percurso de si através das suas memórias um gesto retrospectivo e prospectivo para poder responder para si mesmo: quem é.

Um segundo momento este campo de saber vai se ampliando a medida que a linha do tempo do ator sujeito vai se intensificando e este agora passa dialogar com seu entorno de forma intercultural para dizer de seus afetos das suas experiências e seus contatos das marcas de sua vida e do tudo

significativo das partes do seu itinerário que eu conduzi até aquele momento. Esse é o instante de sempre a sua narrativa e de trazer através da sua linguagem, da sua forma de dizer singularidades, que eu torno plural.

Um terceiro instante é o momento de ressonância tudo aquilo que ele trouxe como narrativa para dizer de si: é o momento de fazer a migração, ou seja, quando o ator sujeito sai de si para uma esfera mais ampla da sua existência depois emigra para dentro de si numa perspectiva de poder articular a compreensão do momento vivido, dos fatos lembrados e da conceituação semiótica do corpo performativo no instante em que fazia a escrita do seu corpo.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso o risco, correr o risco e apostar na possibilidade da mudança, do novo tempo, da nova roupagem que o ser sujeito ator social passa a vestir depois de mergulhar no desconhecido e encontrar-se consigo. É esse: consigo, a nossa engrenagem alcançada depois da realização dessa oficina do tecer de si. Não é o fim, mas o início de uma trajetória que não tem mais volta, o caminho agora é seguir o itinerário do daqui para frente.

O bom dessa viagem é compreender que cada um tem o seu trajeto formativo, que mesmo trabalhando na pluralidade e na coletividade, a narrativa de vida é singular, é a experiência de cada um nessa composição de suas dores, das suas marcas e, acima de tudo, da escrita de uma nova história de um ser-no-mundo reinventado, redesenhado, consubstanciado numa comunhão autobiográfica para o pertencimento do ser pesquisador.

O melhor é chegar ao final da oficina, e compreender que os retalhos seletivos da memória foram costurados e que as nossas narrativas de vida existem como caminho de pesquisa e de realização pessoal. Este é o mais digno resultado, a certeza do inacabado, de que tudo precisa ser seguindo, como uma ciranda crescente de vivências, de descobertas, de gracejos, de dores, de lágrimas, de laços afetivos como foi a experiência dessa oficina arraigada de ancestralidade, de voltas, de performances corporais, de subjetividades e de enunciação.

### Referências Bibliográficas

ALMEIDA, M. da C. de. **Complexidade e cosmologias da tradição**/ Maria da Conceição de Almeida. – Belém: EDUEPA; UFRN/PPGCS, 2001.

BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: A estilística**/ Mikhail Bakhtin; tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botchrov e Vadim Kójinov. – São Paulo: Editora 34, 2015 (1ª edição). 256 p.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

DELORY-MOMBERGER, C. **Abordagens metodológicas da pesquisa biográfica**. In: Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, v. 17, n. 51 set/dez, 2012b. p. 523-740.

LECHNER, E. **Diálogos de Vida.....** in Lechner E. HISTÓRIAS DE VIDA: olhares interdisciplinares. Ed. Afrontamento, 2009.

FERRAROTTI, F. **História, história de vida. O método biográfico nas Ciências Sociais**. Tradução Carlos Galvão Braga e Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFRN, 2012.

\_\_\_\_\_ **Sobre a autonomia do método biográfico** (1997). In FINGER, Mathias & NÓVOA, Antônio (Orgs.). **O | Método Biográfico e Formação**. Natal, RN:EDUFRN; São Paulo: paulus, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (coleção leitura).

FINGER, M. & NÓVOA, A. (Orgs.). **O | Método Biográfico e Formação**. Natal, RN:EDUFRN; São Paulo: paulus, 2010.

JOSSO, M.-C. **Experiência de vida e formação**. São Paulo: Paulus, Natal: Edufrn, 2010.

MORIN, E. 1921 - **O cinema ou o homem imaginário. Ensaio de Antropologia Sociológica**/Edgar Morin; tradução Luciano Loprete. - 1 ed. - São Paulo: É Realizações, 2014. 288 p.; 23 cm.

\_\_\_\_\_ **Conhecimento, Ignorância, mistério**. Edgar Morin; tradução: Clóvis Marques. - 1ª edição (2020); Editora: Bertrand Brasil, 112 páginas

PASSEGGI, M. da C. **Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico**. Roteiro, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267>.

\_\_\_\_\_ **Experiência em formação. Educação**. Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago.2011b. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697>.

PINEAU, G.; Le Grand, Jean-Louis. **As histórias de vida**. Trad. Maria Passeggi; Carlos Braga. Natal: Edufrn, 2012.

RICCEUR, P. **Tempo e Narrativa**, Tomos 1,2,3. São Paulo: Papirus, 1994.

ZUMTHOR, P. [1915 – 95]. **Performance, Recepção, Leitura**: Paul Zumthor. Título original: *Performance, réception, lecture*. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

\_\_\_\_\_ **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pires, Maria Lúcia Diniz Pochart e Maria Inês de Almeida. Editora Hucitex LTDA – São Paulo, 1997.

\_\_\_\_\_ **A letra e a voz: A “literatura” medieval** / Paul Zumthor; tradução Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. – São Paulo: Companhia das Letras, 1993.